

O currículo escolar e a prática dos professores de educação física em contexto amazônico: o desafio das aulas de educação física nas comunidades indígenas

The school curriculum and the practice of physical education teachers in the amazonian context: the challenge of physical education classes

DOI:10.34117/bjdv7n2-446

Recebimento dos originais: 16/01/2021

Aceitação para publicação: 22 /02/2021

Ida de Fátima de Castro Amorim

Doutoranda em Educação FACED/UFAM

Instituição: Faculdade de Educação Física e Fisioterapia/FEFF/UFAM

Endereço: Rua Luiz Corrente, n.23, Conjunto Iuritá, Bairro Coroadó, CEP 69082-701 – Manaus/AM

E-mail: ida.amorin@hotmail.com

João Luiz da Costa Barros

Doutor em Educação/ UMP

Instituição: Faculdade de Educação Física e Fisioterapia/FEFF/UFAM

Endereço: Av. Jornalista Umberto Calderaro Filho, 1451, apto 902, Torre Uatumã, Bairro Adrianópolis, Condomínio Palácio das Águas, CEP 69057-015 – Manaus/AM

E-mail: dr.joaoluizbarros@gmail.com

Marnilde da Silva de Farias

Doutoranda em Educação FACED/AM

Instituição: Escola Municipal Criança Feliz/ Caracará/RR

Endereço: Rua Edito, 87, Cauamé, CEP 69311-044 - Boa Vista, Roraima

E-mail: marnildelive@hotmail.com

Stélio Nunes Rocha

Mestre em Sociologia/UFAM

Instituição: Colégio Militar de Manaus/CMM/AM

Endereço: Rua Leonardo Malcher, 1594, Centro, 69000-000 – Manaus/AM

E-mail: steliorochanunes@gmail.com

Maria Ivony da Silva Pimenta

Especialista em Psicopedagogia/ IDAAM/AM

Instituição: Escolas IDAAM/AM

Endereço: Av. Djalma Batista, 1767 Bairro: Chapada Cep 69050-010 – Manaus/AM

E-mail: professora_ivony@hotmail.com

Nilce Cleide Ribeiro Pantoja

Especialista em Capacitação em Esporte Escolar/UNB

Instituição: E.E Francelina Assis Dantas/SEDUC/AM

Endereço: Rua Marquesa de Santos ,132-Coroadó 1- CEP 69080-000 – Manaus/AM

E-mail: nilcecleide@hotmail.com

Marcela Tavares de Souza

Especialista em Educação Física Escolar – UNINORTE/AM
Instituição: Escola Municipal Presidente João Goulart/SEMED/AM
Endereço: Rua Sicília, 81, planalto. CEP 69044-230 - Manaus/Am
E-mail: mtdsouza@hotmail.com

Kátia Helena Almeida de Almeida

Especialista em Metodologia do Ensino Superior/FSDB
Instituição: Escola Estadual Sólon de Lucena/SEDUC/AM
Endereço: Rua Aires Gomes da Silva, 7 A, Conjunto Boas Novas, Cidade Nova 2. CEP
69090318 – Manaus/AM
E-mail: katiahalmeida@gmail.com

RESUMO

A educação indígena atualmente é reconhecida como algo de fato existente e necessária, principalmente devido a sua singularidade e multiplicidade cultural. A cada dia torna-se mais evidente a necessidade de uma educação voltada exclusivamente para os povos indígenas, uma educação que atenda aos seus anseios e expectativas, e não a imposição de conteúdos que sejam característicos da educação do homem branco, considerada por muitos como cultura dominante. As disciplinas curriculares devem relacionar seus ensinamentos à realidade indígena, sem distinção de áreas de conhecimento. Nessa perspectiva o ensino da educação física para os povos indígenas também deve estar vinculada aos seus valores e costumes, inserindo conteúdos da prática cotidiana destes que envolvam uma relação direta com o corpo e as necessidades emergentes de cada etnia. Neste ensaio buscou-se apresentar algumas dificuldades encontradas na formação e atuação do professor de educação física frente aos desafios da educação indígena, uma vez que nos cursos de formação de professores dessa área, poucos são apresentados temas e atividades direcionados a educação dos povos indígenas do Amazonas, impossibilitando assim uma formação mais completa e capacitada para que os professores de educação física possam atuar em diferentes contextos culturais. É perceptível o quanto a educação física ainda precisa se aproximar dos temas relacionados às etnias indígenas da região amazônica, pois ainda há uma carência muito grande de informações sobre as características físicas e a serem trabalhadas para esses povos, o que implica numa seleção de conteúdos estritamente vinculados e voltados a educação básica da escola dos não indígenas, e não a educação indígena em si.

Palavras-chave: Educação indígena, Educação física, Cultura.

ABSTRACT

The indigenous education today is recognized as something existing and necessary, mainly because of its uniqueness and cultural multiplicity. Every day it becomes more evident the need for an education exclusively directed to the indigenous people, an education that meets their desires and expectations, and not the imposition of contents that are characteristic of the education of the white man, considered by many as the dominant culture. Curricular subjects must relate their teachings to the indigenous reality, without distinction of areas of knowledge. From this perspective, the teaching of physical

education to indigenous people should also be linked to their values and customs, inserting content from their daily practice that involves a direct relationship with the body and the emerging needs of each ethnic group. In this essay, we tried to present some difficulties encountered in the formation and performance of physical education teachers onto the challenges of indigenous education, since in the training courses for teachers in this area, few themes and activities presented are directed to the education of the indigenous peoples of the Amazon, thus making it impossible to provide a more complete and capable training, so that physical education teachers can act in different cultural contexts. It is notable how much physical education still needs to approach the themes related to the indigenous ethnicities of the Amazon region, because there is still a great lack of information about the physical characteristics, to be worked on for these peoples, which implies a selection of contents strictly linked and directed to the basic education of the school of non-indigenous people, and not to indigenous education itself.

Keywords: Indigenous Education, Physical Education, Culture.

1 INTRODUÇÃO

A formação de qualquer professor na região amazônica por si só já representa grandes desafios, pois nossa região além de ficar distante dos chamados grandes centros, onde as oportunidades de conhecimentos científicos são mais presentes, sofre ainda com a enorme discriminação no que se refere às diversas culturas que aqui habitam.

Os povos amazônicos possuem uma vasta diversidade cultural, e com isso os conhecimentos populares são extensos, favorecendo uma enorme gama de multiculturalismo, que para a maioria das regiões do Brasil são desconsiderados por se tratarem de culturas negadas.

É fato que todas as culturas sofrem influência umas das outras, porém estas quase sempre lutam para se manter preservadas, em suas origens e identidades, mas um fator preponderante para que muitas culturas sejam respeitadas é o conhecimento das pessoas sobre estas, e isto se dá efetivamente em ambiente escolar.

Infelizmente nossas escolas não possuem em seu currículo discussões mais aprofundadas sobre as chamadas Culturas Negadas como afirma Santomé (1995), pois segundo o autor, muitos temas que trazem discussões sobre outras etnias e culturas, que não seja a dominante, tendem a serem menosprezadas e tratadas como inferiores, dando espaço ao etnocentrismo e ao eurocentrismo típico da cultura dominante.

Este tipo de posicionamento tão comum em nossas escolas, só fortalece uma visão estereotipada das regiões distantes dos grandes centros, como é o caso da região norte e nordeste, que sempre é tida como atrasada e de pouco avanço e conhecimento científico.

Na disciplina de educação física, bem como nas demais do currículo escolar, os conteúdos dificilmente são escolhidos de acordo com a realidade cultural de cada região e/ou povo, tendo muitas vezes o próprio professor total desconhecimento de outras culturas, muitas vezes até da região onde este vive, ficando os conteúdos das aulas de educação física reduzidos tão somente a momentos de recreação, lazer e esportes institucionalizados descontextualizados da região onde está sendo trabalhado.

Assim, trabalhar os temas relacionados às culturas brasileiras e as diversas etnias existentes na região amazônica nas aulas de educação física, é algo fundamental nos cursos de formação de professores, principalmente para aqueles que residem na região norte, pois assim estes poderão oportunizar à seus alunos uma melhor compreensão das diferenças existentes entre as culturas hegemônicas, despertando desta maneira o respeito por estas.

Neste artigo, buscaremos abordar um pouco sobre a identidade da disciplina de educação física e sua prática em contexto amazônico no que diz respeito ao trabalho desenvolvido nas escolas indígenas.

2 A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA INSERÇÃO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES.

No início do século, a educação era entendida como algo prioritário somente das classes elitizadas, que detinham o poder soberano, competindo a ela educar e preparar os filhos dos grandes monarcas, enquanto que para as camadas sociais inferiores, esta era tida apenas como uma utopia, a qual nunca teria acesso.

Porém os tempos mudaram, e o que antes parecia tão distante para as classes menos favorecidas agora representa o começo de uma vida próspera, na qual a educação desponta como um dos possíveis meios para se conseguir ascensão social.

Muitos estudiosos tentaram durante vários séculos apresentar da melhor maneira um conceito para o que pensavam ser a educação, Brandão (1995, p. 62 e 63) nos mostra algumas definições:

- [...] a educação não é mais do que o desenvolvimento consciente e livre das faculdades inatas do homem. (SCIACCA);
- [...] a educação é o processo externo de adaptação superior do ser humano, física e mentalmente desenvolvido, livre e consciente, a Deus, tal como se manifesta no meio intelectual, emocional e volitivo do homem (HORSE);
- [...] o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz (KANT);
- [...] é toda a espécie de formação que surge da influência espiritual (KRIECK).

A partir do entendimento obtido através de algumas destas definições, a educação passa a ser vinculada a outras ciências, surgindo à existência de várias áreas de atuação educacional, como a Educação Física, entendida inicialmente apenas como educação do físico.

O desenvolvimento das atividades físicas durante muito tempo ocorreu em função do ato motor, configurando-se como necessidade para a preservação humana. Como sabemos os primeiros seres humanos habitantes da terra, já se utilizavam do movimento como base para sua sobrevivência, através do ato de atacar e defender, no qual em determinados momentos consagravam-se vitoriosos e em outros não (MARINHO, 1980).

Com o passar dos anos, o homem aprendeu a racionalizar tal movimento, o que lhe possibilitou um menor gasto energético na realização de suas tarefas cotidianas, deste modo este dispôs de mais tempo para aprimorar suas capacidades físicas (OLIVEIRA, 1983).

Quando o exercício físico se estabelece enfim de maneira racionalizada, surge a influência de algumas ciências vinculadas ao movimento humano, destacando-se como de maior prestígio a medicina, que trouxe contribuições significativas para que o estudo dos movimentos físicos atingisse bases científicas (CASTELLANI, 1998).

A partir daí, a educação física assume características educativas, objetivando o desenvolvimento e aprimoramento das principais valências físicas, como a força, velocidade e a resistência, podendo ser inserida em ambiente escolar.

Em alguns países da Europa, dentre os quais se destaca a França, no início do século XIX, a educação física representava o grande mecanismo capaz de conseguir construir o chamado “homem novo”, caracterizado como o novo ideal de homem da nova ordem social, política e econômica (FARIAS JÚNIOR, 1970).

O autor afirma ainda que, assim como as demais disciplinas do currículo escolar, a educação física também passa a ser desenvolvida sob o enfoque político, no qual se buscava a supremacia do homem biológico sobre o homem antropológico. Portanto, esta se encontrava associada à nova ordem hierárquica e burguesa, destinada a contribuir com suas atividades físicas para a manutenção da alienação popular, oportunizando um tipo de prática apenas voltada a força física, sem trabalhar o intelecto e a cultura dos alunos.

Isso não era privilégio apenas das práticas físicas, pois não era do interesse da classe dominante que alguns saberes considerados cultos fossem socializados para as camadas baixas da sociedade, pois estes saberes, segundo Grignon (1995), deveriam ficar reservados apenas as classes dominantes, enquanto que ao povo deveria ser preservada a

ignorância e conseqüente alienação social, e os principais mecanismos usados para isso eram as práticas escolares direcionadas.

[...] as teorias da reprodução social, nos mostraram como a distribuição desigual de conhecimentos, através do currículo e da escola, constituem mecanismos centrais do processo de produção e reprodução da desigualdade social [...] (SILVA, 1995, p. 190).

Assim sendo, para justificar a necessidade das atividades físicas na vida do homem, surge então um discurso oportunista, que almejava acabar com as grandes diferenças de classe, apoiada num ideal higienista, que explicava as más condições de vida das classes populares a adesão constante de vícios, doenças e imoralidade, pelo fato de levarem uma vida ociosa e desregrada (MARINHO, 1999).

Desta maneira, a inserção da educação física nos estabelecimentos escolares, não se deu de maneira diferenciada, permanecendo as aulas sob o prisma prático e higienista, voltadas para o desenvolvimento do físico em detrimento ao cognitivo.

Os conteúdos que representavam de fato o interesse da sociedade não eram, e ainda hoje, não são priorizados no currículo escolar, ficando claro o interesse político das classes dominantes sobre o que se pode e o que se deve ensinar e conseqüentemente aprender nas escolas. No Brasil, a influência direta dos militares contribuiu para a escolha dos conteúdos, pois estes representavam os detentores do poder político da época que se convencionou chamar de ditadura militar (1960), sendo, portanto, estes os responsáveis em determinar as atividades físicas desenvolvidas nas escolas (CASTELLANI, 1998).

Sabe-se, contudo, que mesmo após o período áureo da ditadura militar, as atividades físicas escolares continuaram sendo preservadas sob o aspecto hierárquico, disciplinador e alienante das instituições militares.

A partir de 1971, a educação física passou a fazer parte obrigatória dos três níveis de escolarização, mas ainda calçada a antigos paradigmas políticos, onde seus conteúdos, nos níveis fundamental e médio (antigo 1º e 2º graus), deveriam estar voltados a formação unicamente do físico para disciplinar o educando, enquanto que para o nível superior (3º grau), esta caberia tão somente a realização de práticas desportivas (CASTELLANI FILHO, 1998).

Ainda de acordo com o autor, a educação física durante toda a década seguinte a reforma educacional de 1º e 2º graus (1970), manteve suas concepções voltadas ao treinamento físico e desportivo, onde se faziam das aulas de educação física um momento reservado a formação desportiva precoce, caracterizando as escolas como verdadeiros

celeiros de atletas, explicando-se assim a persistente ideia, até os dias atuais, de correlacionar as aulas de educação física a treinamentos desportivos.

Os conteúdos das aulas nunca se encontravam relacionado com as demais disciplinas, e nem tão pouco com a realidade dos alunos, pois a prática esportiva sempre foi o principal conteúdo a ser trabalhado nas aulas de educação física.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96) representou uma nova concepção para o ensino da educação física escolar, relacionando sua aplicabilidade ao desenvolvimento integral dos alunos.

Diante deste novo contexto, a educação física passou a assumir um papel fundamental no processo educacional, devendo o professor, através do mecanismo interdisciplinar, oportunizar ao educando um melhor aprendizado sobre as concepções da disciplina, vinculando-a ao ensino dos demais componentes curriculares, através da estreita relação entre seus conteúdos.

Desta maneira conteúdos de caráter específicos e peculiares de cada região passaram a ser mais bem explorados nas aulas de educação física, devendo-se considerar as características locais de cada cultura, bem como o interesse dos alunos pelos conteúdos, pois é fundamental que os alunos façam parte do processo de seleção e escolha dos conteúdos que querem e precisam conhecer, deve ser considerada cada faixa etária envolvida no processo, bem como os interesses destes, só assim seremos capazes de contribuir para a verdadeira formação de nossos alunos.

Se uma das missões-chave do sistema educacional é a de contribuir para que os alunos e alunas possam reconstruir a cultura que essa sociedade considera mais indispensável para poderem ser cidadãos e cidadãs ativos/as, solidários/as, críticos/as e democráticos/as, é óbvio que não podemos partir de uma ignorância daqueles conhecimentos, destrezas, atitudes e valores culturais que a juventude valoriza acima de todas as coisas (SANTOMÉ, 1995, p. 165).

Atualmente a educação física escolar vem adquirindo maior atenção e importância pela classe educadora, que aos poucos está se conscientizando da grande contribuição que esta tem a oferece aos alunos, através de seus métodos e técnicas próprios, para o desenvolvimento da uma educação física crítica e consciente.

Por outro lado, o professor de educação física hoje certamente tem uma função mais importante para a sociedade, devendo preocupar-se com outras questões na formação do alunado, que não sejam aquelas voltadas somente para o aspecto físico, este deve buscar incentivar o conhecimento de jogos e atividades recreativas culturais e regionais das mais variadas populações, objetivando despertar nos alunos o respeito às

diferenças culturais e regionais, estabelecendo assim uma melhor relação com as demais culturas existentes em nosso país, o que certamente contribuirá para a aquisição de novos conhecimentos.

Além disso, esta tem muito a contribuir para um bom desenvolvimento cognitivo e social, pois racionalizar o movimento faz com o que os alunos aprendam a conhecer realmente seu corpo, no que diz respeito às suas possibilidades e limitações, passando a vê-lo como algo socialmente construído, aceitando suas individualidades e diferenças, pois isto certamente fará com que nossos alunos aprendam a aceitar e conviver com seu corpo da maneira que ele é, e não tentar enquadrá-lo em determinados padrões impostos por uma sociedade excludente e preconceituosa no que se refere principalmente as diferenças corporais.

3 A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTEXTO AMAZÔNICO: O DESAFIO DE PROFESSORES NÃO ÍNDIOS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS.

Muitas áreas de conhecimento apresentam grandes dificuldades no processo ensino aprendizagem no ambiente escolar quando se deparam com questões regionais, essa dificuldade se dá quase sempre em função da grande variedade de culturas existentes dentro de um mesmo contexto sociocultural, como é o caso da região amazônica.

O trabalho com a disciplina de educação física é algo desafiador quando proposto as comunidades indígenas e ribeirinhas, devido aos vastos hábitos cotidianos destas comunidades que possibilitam experiências motoras múltiplas, chegando a se confundir práticas cotidianas com atividades lúdicas e recreativas.

[...] a necessidade de se pensar a educação física no cotidiano das escolas indígenas, aponta à hegemonia das práticas cognitivas nas escolas indígenas, fardo carregado nas escolas não indígenas e replicado nos projetos escolares indígenas, em que pese a ausência de discussões sobre as aprendizagens corporais indígenas e não indígenas praticadas nas escolas das aldeias [...] (CHAGAS, 2015, p.195).

É importante destacar que as escolas das comunidades indígenas já dispõem, em sua quase totalidade, de professores também indígenas, o que torna mais fácil a relação dos conteúdos a serem trabalhados, pois estes se encontram direcionados a realidade destes, o que para Weigel (2000) é isto que representa o significado da escola para estas comunidades, um local onde coexiste a relação sociocultural com seus costumes, onde possam ser expressos seus sentimentos, valores e necessidades.

O processo de educação para os povos indígenas continua se fortalecendo e se modificando cotidianamente no seio de suas comunidades, principalmente através das lutas e dos avanços das políticas públicas direcionadas a estes. Destacamos as leis e os documentos a nível nacional que trazem em seus textos não mais apenas o intuito em integrar os povos indígenas, mas também grandes preocupações com sua cultura, propondo uma educação diferenciada, onde se valoriza principalmente a língua mãe, as crenças, tradições e valores, visando unicamente atender suas reais necessidades (CHAGAS et al, 2015).

Para o autor, isto se torna claro a partir do Decreto Presidencial n. 6.861 de 27 de maio de 2009, que traz em seu Art. 1º a seguinte determinação: “A educação escolar indígena será organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades”.

Assim, sendo a escola organizada com a participação de sua comunidade, os conteúdos estarão mais voltados aos seus interesses e anseios, o que certamente fortalecerá a relação escola-comunidade, situação bastante diferente das escolas dos não indígenas.

No que se refere às práticas de educação física nas escolas indígenas, sabe-se que não é muito distinta das práticas desenvolvidas nas escolas não indígenas, porém em algumas etnias há um significado completamente diferente da relação do corpo com os costumes e crenças indígenas.

Devido a esse significado distinto da corporeidade de alguns povos indígenas, as práticas de educação física também tendem a ser diferentes. Em estudo desenvolvido por Grando (2004, p.21), foi visto que para o povo Chiquitano de Vila Nova-Barbecho, o ritual e as danças explicitam “[...] as práticas corporais que marcam no corpo uma identidade específica, revitalizando as relações cianicas, as hierarquias e o poder [...] possibilitando a fabricação do corpo no processo de educação e identidade da pessoa”

Para muitos povos indígenas as práticas físicas representam essa passagem de fase, da infância para a idade adulta, havendo desta maneira um significado muito forte nesse processo de transformação, onde o corpo representa o aspecto mítico desse rito.

Professores de educação física não indígena devem possuir conhecimentos no mínimo básico sobre a cultura onde estarão inseridos, pois trabalhar conteúdos que não estejam de acordo com as necessidades e realidade daquela comunidade é correr o risco de estar sendo etnocêntrico e desconsiderar a pluralidade cultural existente nas regiões amazônicas.

Pois segundo Vieira (2020), os jogos e brincadeiras, representam o resultado de um processo social que advém de longa duração, significando relações de determinada sociedade e seu tempo, representando uma possibilidade de formar cidadãos para viver e interagir entre si, daí a necessidade do professor ser conhecedor da sociedade onde está inserido, pois homem quando joga, de certa forma está representando o contexto cultural onde este jogo foi inserido

O desafio de trabalhar com povos indígenas é muito grande, pois os professores que não são indígenas vivem em uma realidade onde, apesar de trabalharem com grupos diversificados, ainda assim estão junto com um mesmo grupo que, pelo menos em tese, é culturalmente igual, pois segue os mesmos costumes e regras de uma mesma sociedade.

Segundo Canen e Moreira (1999), quando um grupo está inserido em uma determina cultura este passa a compartilhar um conjunto de significados, que são construídos, ensinados e aprendidos por meio da utilização da linguagem.

A formação dos professores de educação física, não os habilita para trabalhar com comunidades indígenas, porém também não os impede, mas ao contrário de alguns cursos de licenciatura que formam professores indígenas, não há essa formação nos cursos de licenciatura em educação física, então o desafio de fazer parte de um contexto escolar onde os alunos são indígenas é realmente muito grande.

Considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de se valorizar e se incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares (CANEN e MOREIRA, 1999, p. 12).

Desta maneira torna-se fundamental a busca pela qualificação profissional destes professores para entender essa multiplicidade cultural, seja ainda no período de formação, ou nos cursos de pós-graduação, pois a vasta gama de informações sobre os povos indígenas nos dias atuais é cada vez mais ampla e mais debatida nos meios acadêmicos, obviamente que ainda há alguns cursos onde este tema parece nem existir, mas a cada dia sente-se a necessidade de se reconhecer a cultura dos povos indígenas como singular, e merecedora de total atenção e respeito.

Algumas etnias indígenas ainda consideram as atividades físicas como práticas cotidianas, onde necessitam do seu corpo e de seus movimentos para a sobrevivência e manutenção da cultura, semelhante às concepções dos homens pré-históricos, que utilizavam de suas qualidades físicas de forma utilitária, para caçar e se alimentar, a impossibilidade do uso de seu corpo, colocava em risco toda a preservação da raça, pois

alguns dependiam quase que diretamente do outro, tanto é que aqueles que nasciam com alguma deficiência física eram abandonados para não pôr em risco todo o grupo.

Devido a este fato, para algumas etnias as aulas de educação física devem seguir seus costumes, devendo estar direcionada a preservação do corpo, mas da forma cultural estabelecida por eles, que dificilmente está relacionada aos padrões conhecidos pelos não indígenas, como por exemplo, os valores esportivos e estéticos, o que se torna um desafio a mais para os professores de educação física que se dispõem a trabalhar nas comunidades indígenas.

Pode-se identificar muito das manifestações corporais dos indígenas através de seus ritos cerimoniais, onde muito se trabalha a corporeidade, ficando evidente a necessidade da preservação de muitas das qualidades físicas básicas, encontrando-se aí um vasto conteúdo para as aulas de educação física nas escolas indígenas.

Segundo Ferreira (2015), é fato que as práticas corporais se fazem presentes em todas as civilizações e culturas e em diferentes formas e significados, para as sociedades indígenas, os significados das ações diárias como a caça, a pesca, a colheita, os jogos e as brincadeiras, se inter-relacionam com diferentes aspectos da cultura como a fertilidade, a alimentação, as estações do ano, as festas, as fases da vida, a morte, bem como os mitos e os rituais.

Fica claro que os professores de educação física realmente precisam muito conhecer tais crenças e valores das sociedades indígenas antes de iniciar um trabalho docente em suas escolas, pois um conteúdo simples para a cultura dos não indígenas, como o jogo, apresenta diversos significados para os indígenas.

Quanto a isto, é fato que os jogos geralmente apresentam uma série de contextos nas comunidades indígenas, onde a entidade que é representada pela força sobre-humana, homem primordial ou um herói cultural, ganha do seu oponente, que se caracteriza como um inimigo da raça humana, com uma astúcia superior, possuidor de habilidades ou magia. E quase sempre estes jogos são apresentados de forma cerimonial, como sendo uma forma de agradar aos deuses, tendo como objetivo a obtenção da certeza da fertilidade, ou para trazer chuva, ou até para gerar uma vida longa, além disso, pode também ter a finalidade de expelir demônios e curar doenças (CULIN, 1978 apud FERREIRA, 2015).

[...] os jogos requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou sorte [...] visam à preparação do jovem para a vida adulta, à socialização, à cooperação e/ou à formação de guerreiros (FERREIRA, 2015, p.66).

Desta forma, fica bastante complicado desenvolver uma atividade como essa apenas por características físicas, apesar de sabermos da importância do conjunto de valências psicomotoras necessárias para a realização e desenvolvimento de qualquer função motora, porém o valor cultural e místico de algumas atividades físicas é bem maior que a necessidade do desenvolvimento físico e motor.

[...] os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores, perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio, a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo (FERREIRA, 2015, p. 66).

É notório que os jogos representam uma atividade com significado bem diferente do que os professores não indígenas estão habituados a trabalhar nas escolas dos brancos. Mas algumas características podem ser vislumbradas quando comparamos com os jogos praticados pelos indígenas. De acordo com as pesquisas de Ferreira (2015), é observada uma espécie de ritual na organização desses jogos muito similar as competições dos brancos, como a determinação de um local e de um tempo para a realização dos mesmos, além da existência de regras, apesar de que estas são construídas dinamicamente, mas não deixa de serem pontos semelhantes aos jogos das escolas não indígenas.

Neste tipo de evento, os professores não indígenas já se sentem mais a vontade para se integrar, e até atuar um pouco mais, pois a linguagem dos jogos é a mesma, independente da cultura onde este se encontra inserido, e isso é um grande aprendizado para estes professores, pois a oportunidade de atuar em um momento tão singular destas culturas favorece as relações interpessoais entre professores não indígenas e comunidades indígenas.

Porém em algumas comunidades indígenas os jogos considerados tradicionais para eles, aparecem um pouco em desuso, quem afirma isso é Ferreira (2003 apud SOARES, 2015), que ao realizar uma pesquisa com as etnias Azelene Kaingang e Kadiweu, observou que nestas comunidades, os jogos tradicionais foram praticamente substituídos pelo jogo de futebol, chegando ao ponto dos chefes das tribos solicitarem aos

pesquisadores que fizessem o jogo de futebol para os jovens e os adultos das comunidades.

O futebol não é parte da tradição nativa, mas parece que os elementos, por exemplo, as equipes podem ser formadas ou montadas na tradição da patrilinearidade (determinação de uma linhagem paterna) e uxorilocalidade (regra da residência ou do gênero que vive na casa do sogro). Neste caso, o futebol pode ser um dos elementos que permite manter as tradições (SOARES e LEZIÁRT, 2015, p. 178)

Isto demonstra que em certas comunidades indígenas os conteúdos esportivos são bem aceitos e até preferidos em relação às atividades tipicamente indígenas, mas é claro que bem distante do tecnicismo tão comum encontrado nas práticas esportivas desenvolvidas nas escolas da educação básica.

Também é importante ressaltar que as escolas indígenas ainda se encontram em processo de total adequação de seus conteúdos, apesar de já haver uma movimentação muito intensa no que se refere à construção de uma escola com características eminentemente indígena, segundo Brostolin (2003 apud BARROS, 2015), a realidade é que da maneira como se apresenta hoje a maioria das escolas nas aldeias indígenas, esta ainda possui características modeladoras e uniformizadoras, não se diferenciando muito das escolas dos não indígenas, e seus programas ainda são os mesmos estabelecidos para a educação básica, demonstrando que o modelo de escola oferecido aos indígenas ainda se encontra centralizado na aculturação.

Desta maneira não é de se estranhar que professores de educação física sem formação específica para atuar em comunidades ou aldeias indígenas, estejam trabalhando nestas escolas, pois não se pensa na escola indígena como deveria se pensar, considerando especificidades próprias, e que para tanto seus professores também devem ser nativos daquela etnia, pois terão mais condição de desenvolver atividades corporais voltadas para as necessidades e anseios daquela comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação dos professores de educação física para trabalhar com comunidades indígenas, ainda é algo a ser muito discutido nos cursos de formação, pois esta ainda deixa muito a desejar no que se refere à inclusão destes conteúdos.

Se objetivamos ser reconhecidos como uma profissão que está intimamente relacionada a educação dos diversos segmentos da sociedade, devemos começar a pensar

numa formação mais multicultural, onde possamos atingir etnias diferentes e saber lidar com os conteúdos culturais destas, sem correr o risco de sermos etnocêntricos.

A diversidade cultural das etnias existentes na região amazônica é algo fenomenal, mas infelizmente muitos educadores, assim como a maioria da sociedade, desconhecem tal diversidade, e esse conhecimento é algo muito importante, pois possibilita principalmente aos professores levar para nossos alunos um contato mais próximo das riquezas que existem nas comunidades indígenas, incentivando-os a buscar por mais informações sobre o multiculturalismo existente em nosso país, passando assim a respeitar e reconhecer a existência de outras formas de cultura que não sejam somente aquelas apresentadas pelas classes dominantes.

É importante que as aulas desenvolvidas pelos professores de educação física sejam voltadas para a realidade das comunidades indígenas, pois não é interessante que as atividades sejam as mesmas trabalhadas com as escolas não indígenas, pois poderíamos estar impondo conteúdos que não talvez não seja do interesse das crianças indígenas, e que de certa forma poderíamos estar impondo um modelo de atividade tipicamente da nossa cultura, passando a impressão de que a nossa cultura e nossos conteúdos são mais importantes que o deles, agindo de maneira etnocêntrica e desrespeitando as diferenças culturais.

Devemos enquanto educadores reconhecer e valorizar as diferenças culturais existentes nas comunidades indígenas, buscar conhecimentos acerca das necessidades emergentes destes povos, e tentar na medida do possível ajudar na manutenção de suas tradições e costumes, incentivando o respeito à diversidade cultural existente entre nós.

REFERÊNCIAS

- BARROS, João Luiz da Costa. *O brincar e suas relações interculturais na escola indígena*. Curitiba, Appris, 2015.
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9.394, promulgada em 20/12/1996, Editora do Brasil S/A.
- CANEN, Ana; MOREIRA, Antonio Flávio B. *Reflexões sobre multiculturalismo na escola e na formação docente*. Educação em debate, ano 1, v.2, n. 38, 1999, p. 12-23.
- CASTELLANI, Lino Filho. *Política educacional e educação física*. São Paulo, Autores Associados, 1998.
- CHAGAS, Alessandra Salomé Lopes; CARDOSO, Layana Costa Ribeiro; OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de; RODRIGUES, Naiana Roberto Dias. *A educação física na escola indígena do Amapá: aproximações iniciais*. In: SOARES, Artemis de Araújo (Org.). *Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais*. Manaus, UFAM, 2015.
- FARIAS, A. G. JÚNIOR. *Pesquisa em educação física*. Revista Brasileira de Educação Física e Desporto. N.º 9, jan/dez, Brasília, 1970.
- FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. *Práticas corporais: historiografia e fontes sobre os povos indígenas*. In: SOARES, Artemis de Araújo (Org.). *Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais*. Manaus, UFAM, 2015.
- GRANDO, Beleni Saléte; QUEIROZ, Leticia Antonia. *Curussé e a educação do corpo da criança chiquitana*. In: SOARES, Artemis de Araújo (Org.). *Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais*. Manaus, UFAM, 2015.
- GRIGNON, C. *Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis. Rio Janeiro: Vozes, 1995.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física no Brasil*. São Paulo, CIA Brasil Editora, 1980.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. *O que é educação física*. São Paulo, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983.
- SANTOME, J. T. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis. Rio Janeiro: Vozes, 1995.
- SILVA, T. T. da (Org.). *Currículo e identidade social: Territórios contestados*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis. Rio Janeiro: Vozes, 1995.

SOARES, Artemis de Araújo; LEZIART, Yvon. *O futebol praticado por povos indígenas – o caso do torneio Peladão Indígena em Manaus*. In: SOARES, Artemis de Araújo (Org.). *Efeitos dos eventos esportivos nas práticas tradicionais*. Manaus, UFAM, 2015.

VIEIRA, Gilberto Ramos e Org. *Os jogos e brincadeiras no contexto da educação infantil em Surubim-PE*. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, v.6, n.5, p.29593-29602, may. 2020.

WEIGEL, V. A. C. de M. *Escolas de branco em malokas de índio*. EDU.